

# A Nau e o Porto Seguro: Trabalho Grupal com Adolescentes

José Manuel de Matos Pinto \*



Neste artigo, propomo-nos estudar o fenómeno adolescente. Fazemos uma breve perspectiva da evolução do conceito e descrevemos o fenómeno evolutivo adolescente. Destacamos a importância que a transformação da angústia tem para o processo de desenvolvimento. É neste contexto que os grupos assumem a sua função de *egos* auxiliares do adolescente, contendo os vários modos expressivos. Duas situações vividas numa psicoterapia de grupo suportam e dão ênfase aos aspectos realçados neste estudo.

## Introdução

Neste texto propomo-nos fazer uma reflexão acerca do trabalho com um grupo de adolescentes em espaço escolar. O envolvimento nestas actividades deu um sentido maior à escolha interna em confronto com a escolha vinda de fora, eterno espelho onde o adolescente se pode enredar sem nunca descobrir a importância da sua singularidade.

Interessante é, em nosso entender, percebê-la num *continuum*, em que a interacção se torna o constituinte/referente de cada personalidade que se tenta organizar e adequar a uma realidade primeira/estranha aos seus sentidos e emoções. Esta

realidade apela à criação dum espaço contentor grupal reestruturador numa área de ilusão onde possa emergir um sentido para as nossas emoções mais ferozes e impensadas. A organização dum espaço onde se dê prioridade ao pensamento, onde se transforme a acção numa outra que se compreenda e tenha um sentido individual.

Tentamos fazer a ponte entre a singularidade e a natureza gregária da natureza humana. Pretendemos entender o adolescente a partir da sua emocionabilidade, da sua base primária, proveniente dos tempos em que o devaneio materno se assumia como modo comunicacional mãe-filho. Na caminhada para a individualidade, o adolescente regressa muitas vezes a esse processo primário, à procura dum *revêrie*, dum aparelho mental que o ajude a pensar e clarificar. O grupo assume uma «função  $\alpha$ »<sup>(1)</sup> (BION, 1966), isto é, função transformativa das emoções em experiências emocionais mais toleráveis e, por isso, menos ameaçadoras e persecutórias.

\* Psicólogo, Professor Adjunto da Escola Superior de Enfermagem Dr. Ângelo da Fonseca.

<sup>(1)</sup> Bion diz-nos que «(...) a experiência emocional vivida durante o sono (...) não difere da que se experimenta durante a vigília no ponto em que as percepções da experiência emocional têm que ser trabalhadas pela função  $\alpha$  antes que se possam utilizar como pensamentos oníricos» (BION, 1966, 22).

O grupo pretende ser um espaço substituto do devaneio materno original que permitiu ao bebê esquecer a morte e lhe criou a ilusão de poder estar vivo, um continente facilitador de transformação das angústias, que possibilite a descoberta de si, do outro e do meio que por si espera.

## A Adolescência

A adolescência enquanto fenómeno, embora não seja um assunto recente, assumiu nas últimas décadas uma importância progressivamente maior. Amaral Dias diz-nos que «só a partir do século XIX o adolescente aparece como figura separada, como herói e como criador» (DIAS & VICENTE, 1984, 31). No entender de CORDEIRO (1988), a adolescência é a oportunidade última dada ao adolescente para resolver o que em fases anteriores ficou pendente e se mostrou irresolúvel. O emergir adolescente é, então, um tempo onde a emoção do não-resolvido assalta o indivíduo com um infindável leque de opções que, de tamanha e confusa, quase o invalida de tomar o seu caminho.

No entanto, «este processo maturativo contém uma tal plasticidade e capacidade adaptativa que muitas dificuldades anteriores, ao serem reactivadas pela puberdade e revividas, se resolvem e normalizam, quando o adolescente vive num quadro de referências familiares, escolares, sociais, estável e estruturante» (CORDEIRO, 1988, 7).

Significa então que se, por um lado, a adolescência é a emergência dum vivido emocional até aí escondido (com conteúdos agressivos), também é, muitas vezes, tão plástica que permite a organização dum estrutura equilibrada e capaz de assumir a fase adulta, sabiamente considerada por Freud como o tempo em que se usufrui prazer no trabalho e no amor.

### O Processo Evolutivo

A revolução industrial e a vida contemporânea trouxeram para a família um novo conceito de existência, onde o adolescente vê prolongar a sua

permanência na família, gerando-se «o fenómeno adolescente contemporâneo» (CLAES, 1990, 13). Este iniciou-se com as vivências de semi-autonomia, dos aprendizes de artesãos no século XVIII. Desta forma, o tumulto adolescente acrescenta às suas transformações, as implicações transformativas que origina na família em que se insere. Contrariamente à latência, onde a experiência se encaminha pela identificação do vivido adulto, a adolescência é um período de ruptura (do esquema corporal infantil; dos papeis da infância; da imagem assexuada dos pais de infância), onde tudo é colocado em questão.

Aqui, o corpo, as imagens, o pensamento são alterados e procuram uma nova ordem interna. A vivência da estabilidade é interrompida pelos novos sentimentos e entendimentos de si e do que o rodeia. O «adolescente não só deve enfrentar o mundo dos adultos para o qual não está totalmente preparado, mas, além disso, deve desprender-se do seu mundo infantil no qual e com o qual, na evolução normal, vivia cómoda e prazerosamente, em relação de dependência, com necessidades básicas satisfeitas e papeis claramente estabelecidos» (ABERASTURY & KNOBEL, 1981, 10).

O processo evolutivo lança, então, um desafio ao adolescente, onde a transformação é o mote, iniciando-se com a mudança corporal pubertária, na qual o biológico encobre muitas vezes, pensamentos caóticos e angustiantes. O que se questiona é o modo como o sujeito interage com os outros e internaliza o mundo exterior na sua vivência, isto é, como viabiliza um ego que se adequa aos mundos interno e externo tantas vezes em contradição.

Freud dizia que «o ego é, acima de tudo, um ego corporal; não é simplesmente uma entidade de superfície, mas é ele próprio a projecção dum superfície» (FREUD, 1923, 40), isto é, «o ego é aquela parte do *id* que foi modificada pela influência directa do mundo externo (...). Além disso o ego procura aplicar a influência do mundo exterior ao *id* e às tendências deste e esforça-se por substituir o princípio do prazer, que reina irrestritamente no *id*, pelo princípio da realidade» (*ibidem*, 39).

Estes conceitos do funcionamento mental adequam-se de sobremaneira ao adolescente e reflectem o conflito instalado entre um *id* exigente e

tenaz e uma realidade sentida como ameaçadora e inatingível.

O adolescente encontra-se numa encruzilhada onde tem como trabalho árduo, além do quotidiano imposto, integrar harmoniosamente toda a sua irreconhecível transformação interna, com a emergência de conteúdos emocionais até aí controlados e o mundo externo dos adultos, ainda experienciado como estranho, ameaçador e incerto.

### Os Pais, as Imagens e os Lutos

A família do adolescente depara-se com um ser em transformação corporal, que já não é criança mas ainda não é adulto e, muitas vezes, perpetua esta dificuldade dos filhos, também tornada sua pela resolução parcial aquando do sua própria adolescência. «O mundo dos adultos, como os pais, não aceita as flutuações imprevistas do adolescente sem comover-se, já que reedita nos adultos ansiedades básicas que tinham sido controladas até certo ponto» (ABERASTURY & KNOBEL, 1981, 10), assustando-se muitas vezes com as condutas genitais dos filhos. «A maturação dos órgãos genitais, a intensidade dos desejos, fantasias e sonhos eróticos, a brusca mudança para um corpo de mulher ou de homem, alteram completamente a representação mental do adolescente, não só aos seus próprios olhos como aos dos outros» (CORDEIRO, 1988, 14).

Estas alterações apelam a uma conduta de flexibilidade onde os pais assumam uma atitude de suporte com contornos bem definidos que permita a reedição actualizada dum mundo mais permeável e tolerante. Muitas vezes, no entanto, os pais têm dificuldades de aceitação e criam entraves suplementares a esta difícil fase do desenvolvimento. A patologia surge então nesta relação disfuncional, pois o «adolescente isolado não existe, como não existe ser algum desligado do mundo, nem mesmo para adoecer» (ABERASTURY & KNOBEL, 1981, 10). Quando as pressões se tornam insuportáveis, o adolescente tende a bloquear o pensamento e a expressar-se pelo *ego* corporal, excluindo a «conceitualização lógica, dando lugar à

expressão através da acção, mesmo que em forma fugaz e transitória» (*ibidem*, 11).

A intolerância ao desenvolvimento adolescente reaviva a dor dum luto pelos *imagos* parentais infantis dessexualizadas que agora se apresentam re-sexualizadas. Os pais deixam de ser os *egos* auxiliares da infância, o prolongamento do *self* infantil, apresentando-se agora como adultos, com uma vida íntima organizada, difícil de aceitar, pela inquietação que gera no adolescente. A par desta, a alteração do esquema corporal provoca estranheza ao olhar adolescente que tem já um corpo grande, mas tem ainda uma imagem corporal infantil e desadequada. Lidar com o corpo novo é uma tarefa mais ou menos dolorosa, que exige a organização dum modo de relação e acção actualizados. «Nem sempre é fácil, para o jovem adolescente, integrar as modificações de um corpo que lhe surge como estranho e, enquanto alguns aceitam facilmente a nova imagem do seu corpo sexuado, outros tentarão negá-la» (*ibidem*, 17), inviabilizando a elaboração dum luto necessário à aquisição da identidade. Renova-se aqui o entrave ao desenvolvimento, pelo impedimento epistemofílico da sexualidade, como tantas vezes acontece na infância. Também aí, se a curiosidade natural e o impulso para a pesquisa do desconhecido, bem como para o reexame dos factos é fenómeno já admitido, podem, no entanto, encontrar oposição. Desta forma, «as indagações mais profundas (nas quais a criança teme encontrar coisas proibidas e pecaminosas) serão igualmente reprimidas» (KLEIN, 1921, 40). Também na infância, a não aceitação da descoberta do género sexual pela criança inviabilizará o desenvolvimento emocional maturativo.

Na adolescência há, então, a (re)-actualização da primazia sexual, tal como existiu na infância até à resolução do Édipo.

O «desenvolvimento sexual parece recomeçar exactamente aí, isto é, na época onde ele foi abandonado, com a conseqüente intensificação das pulsões edípicas» (DIAS & VICENTE, 1984, 35). No entanto, estas «figuras parentais surgem-lhe agora incestuosas e demasiadamente próximas dos seus desejos mais inconfessados e inconfessáveis.

A ansiedade e o sentimento de culpa face aos desejos incestuosos e o medo de retaliação pelo pai castrador ultrapassam, por vezes, a capacidade de adaptação do Eu, já fragilizado pelo tumulto instintivo-afectivo da adolescência» (CORDEIRO, 1988, 12). Resta então, ao adolescente, canalizar o seu desejo para objectos de amor menos angustiantes e descobrir aí os contornos corporais (próprios e dos outros) até à escolha heterossexual mais estável ou permanecer enredado numa teia relacional intransponível e destrutiva.

### A Alteração dos Papeis

O contacto, quer com o mundo interno, quer com o mundo externo, exige papeis diferenciados do adolescente, que implicam directamente na percepção que os outros fazem de si. Quando o adolescente se permite experimentar papeis novos e diferentes está, fundamentalmente, a proceder a escolhas dum *ego* a incorporar, que o identifique e facilite a «mediação entre o mundo e o *id*, [que torne] (...) o *id* dócil ao mundo e, por meio da sua actividade muscular [faça ] (...) o mundo coincidir com os desejos do *id*» (FREUD, 1923, 73). Por outro lado, Moreno considerava os papeis como «os embriões, os percursos do eu» (MORENO, 1978, 25). Assim, quanto mais papeis o indivíduo experimentar mais flexível e capaz de optar por papeis que lhe permitam usufruir prazer e bem estar nas relações que estabelecem.

Enquanto na latência a criança tem bem presente os papeis a desempenhar, a “revolução” adolescente altera todos os papeis, onde o suporte e a dependência cedem progressivamente o lugar à autonomia conquistada pela dor de estar, irreversivelmente, a caminhar para a individualidade. Muitas vezes, a confusão de papeis é tão grande que se exige ao adolescente obediência e responsabilidade, permanência e transformação, restando-lhe «o dom da palavra, de emprego tão fundamental, (...) como recurso para ocultar o pensamento pela compulsão a escapar à verdade» (BION, 1991, 13), isto é, resta ao adolescente um linguajar que esconde a angústia e a incerteza dum

mundo sentido esmagador e sem espaço. Deparamo-nos, então, com adolescentes que falam para esconderem o que sentem, numa eterna compulsão que impede o crescimento emocional. Há adolescentes «tão intolerantes ao sofrimento ou à frustração que sentem o sofrimento sem sofrê-lo e assim não o descobrem» (*idem*, 19), permanecendo num estado anestésico de quem não sofre o sofrimento e se priva de descobrir o prazer.

O que falámos então, sem termos nomeado, foi da «caesura» de Bion (DIAS, 1992, 89), necessária relativamente aos papeis infantis e à incerteza do futuro, que é, em linguagem última, a tolerância ao desconhecido, elemento essencial ao desenvolvimento emocional humano.

Este desenvolvimento envolve então a separação e o luto. Pais e filhos adolescentes deparam-se com o processo transformativo que será mais ou menos doloroso consoante os «invariantes» (BION, 1982, 7), isto é, «les éléments qui rendent compte de l'aspect inchangé de la transformation» (*ibidem*, 7), permitam reconhecer os T $\beta$  pai<sup>(2)</sup>, os T $\beta$  mãe e os T $\beta$  filho, relativamente aos originais, ora transformados.

A transformação é, em nosso entender, o papel essencial, o macro-papel que integrará a aceitação de todos os outros papeis ensaiados pelos adolescentes e figuras parentais. As mudanças bruscas (por exemplo: as corporais, as hormonais, as ambientais e as imagéticas) serão tanto mais catastróficas quanto menos reconhecidas forem os invariantes que estiverem na essência da transformação. «A realidade não é então aí apenas separadora, mas como primeira alteridade, afirmação e mãe de todas as separações» (DIAS, 1992, 61).

As margens do rio adolescente pedem um barco seguro (leia-se um continente seguro) que lhes garanta uma viagem emocional com regressos múltiplos que transformem o percurso estranho em mapas mais segurizantes e familiares. Aqui estará, sem dúvidas, o esboço da individualidade humana.

---

<sup>(2)</sup> Bion denomina T $\beta$  como o produto final da transformação.

## A Emergência de Novos Tipos de Relação e Imagem

A separação, o luto e os invariantes foram até aqui apontados como essenciais ao desenvolvimento. KLEIN (1930) afirmava que a posição depressiva só era possível pela progressiva introjecção duma figura materna predominantemente boa e segurizante. Também o desenvolvimento do adolescente necessita de figuras parentais boas e capazes de aceitarem os movimentos autonómicos dos filhos sem os sentirem como ameaçadores à sua integridade. As figuras parentais, como invariantes, serão o porto seguro que apoiará o adolescente a experimentar e evoluir, sem necessitar de movimentos onnipotentes de confirmação, que tantas vezes põem em risco a sua integridade. Quando tal acontece, o adolescente começa a organizar as suas escolhas e começa a ter imagens mais claras do mundo circundante, esvaídas do carácter persecutório e destrutivo. Ao ser possível esta matriz identificatória, torna-se mais sereno o investimento no grupo e no parceiro (até à escolha heterossexual), clarificando-se desse modo as relações e imagens que o adolescente deseja e espera estabelecer, agora num plano mais realista.

A idealização exacerbada, ao invés, cria obstáculos tamanhos à adequação necessária ao mundo, remetendo-se o adolescente a modelos de relação restritos, onde o circuito vicioso idealização-desilusão imperam e invalidam qualquer olhar atento em redor, perpetuando o funcionamento compulsivo que o atira para um papel cuja imagem de vítima mascara dificuldades de vinculação mais realista com o mundo. É, então, fácil aceitar que «a actualização de uma nova imagem passa por um tempo onde a indiferenciação e a confusão dos espaços interno e externo introduzem todo um conjunto de manifestações próximas daquelas descritas e identificadas nos estados esquizóides, como despersonalização, sentimento de estranheza corporal, vivência do corpo fraccionado» (DIAS, 1988, 181).

É neste contexto que o grupo assume uma função catártica para o adolescente. A emergência dum *ego* grupal vai então facilitar a transposição do

*ego* infantil múltiplo, onde os pais funcionavam como eu auxiliar integrador, para o *ego* adulto, onde um *self* flexível e autónomo ganha espaço e contornos claros.

## O Adolescente e o Grupo

O grupo é hoje considerado o *habitat* natural e transformativo do adolescente. ANZIEU (1976) aponta o século XVIII como o período em que o grupo passa a designar uma reunião de pessoas. A etimologia da palavra parece estar ligada ao termo italiano *gropo* ou *gruppo*, termo técnico das Belas Artes que designa um conjunto de indivíduos, pintados ou esculpidos, formando um conjunto. Por outro lado, os linguistas, no entender do mesmo autor, aproximam a palavra italiana à palavra provençal *grop* (que significa nó, ligação) e supõem que esta deriva da palavra germânica *Kruppa* (que significa massa arredondada). Ligação e círculo são, então, duas linhas de força do grupo. Por outro lado, a noção de grupo deriva do gregarismo humano, apelando a uma leitura genética deste, para se obter um melhor entendimento. «En fait, il n'existe aucune personnalité normale qui soit psychologiquement isolée des autres, et l'étude des relations avec autrui est un chapitre nécessaire de la psychologie individuelle» (ANZIEU & MARTIN, 1976, 15).

À nascença ou antes dela, o bebé estabelece um processo vincutivo com a figura materna, que pela sua capacidade de sonhar o seu bebé (revêrie materna) transforma a agressividade e a angústia de morte noutra mais tolerável e tranquilizante. «As fantasias sádicas dirigidas contra o interior do corpo materno constituem a relação primeira e básica com o mundo exterior e com a realidade» (KLEIN, 1930, 237), esperando as mesmas encontrar um continente materno que transforme estes conteúdos noutros, mais toleráveis para o bebé. Esta dinâmica relacional apela ainda à capacidade de tolerância do bebé, necessária e fundamental à criação de elos de ligação, determinantes para o processo vincutivo entre mãe e filho. Quando esta transformação se opera sem sobressaltos, «o *ego* se

transforma de um estado não-integrado em uma integração estruturada, de modo que o lactente se torna capaz de experimentar a ansiedade que é associada à desintegração» (WINNICOTT, 1989, 44).

Deste modo, caminha-se para um processo onde os objectos de relação são sentidos por inteiro, facilitando-se a «mudança catastrófica» (BION, 1982), que origina posições depressivas cada vez mais elaboradas. Também a pele psíquica se começa a organizar. Um «desenvolvimento adicional vem a existir, o que se poderia chamar de membrana limitante, que até certo ponto (normalmente) é equacionada com a superfície da pele, e tem uma posição entre o “eu” e o “não-eu” do lactente» (*idem*, 45).

A assunção dum bom objecto interno fará então nascer a vida psíquica, como área de ilusão onde «o simbolismo é fundamento de toda a sublimação e de todo o talento (...). Sobre ele (o simbolismo) se constrói a relação do sujeito com o mundo exterior e com a realidade em geral» (KLEIN, 1930, 297).

A vinculação humana é um sustentáculo para “aprender a vida”, pois só uma fusão inicial eficaz da díade mãe-filho, permite ao bebé as subseqüentes capacidades de procura e crença na assunção do bom objecto, onde a angústia pode já ser tolerada, por não revelar um colorido catastrófico. A «elaboração da referida angústia [com a] relação simbólica com as coisas e os objectos [que põem em] movimento os seus impulsos epistemofílicos e agressivos» (*idem*, 306). Este movimento vai-se alargando dum círculo restrito — o seio materno — a todos os outros mais abrangentes, sejam eles o grupo adolescente ou a visão cósmica da existência. A lacuna vinculativa pode definitivamente hipotecar a tendência gregária humana, no início manifestada pelo mecanismo projectivo/introjectivo de que mais adiante falaremos.

## Funcionamento Grupal

«Desde os tempos mais remotos, as civilizações primitivas recorrem ao grande descalçamento colectivo e ritual para exorcizar os seus demónios na praça pública» (DREYFUS, 1980, 21).

A tendência ao funcionamento grupal dos adolescentes muitas vezes também encerra a exorcização dum sentimento de insanidade que o grupo esbate pela negação da patologia. É comum ouvir-se entre adolescentes a sua aceitação ilimitada a todos os fenómenos. Para eles, tudo é certo, humano e aceitável, funcionando como espelhos recíprocos que distorcem uma realidade intolerável.

ANZIEU & MARTIN (1976, 16) apontam cinco categorias de funcionamento dos grupos: a multidão, o bando, o agrupamento, o grupo primário ou restrito e o grupo secundário ou organização. Ao nosso trabalho interessam o *bando*<sup>(3)</sup> e o *grupo primário ou restrito*<sup>(4)</sup>, por se relacionarem directamente com o presente estudo.

O *bando* caracteriza o modo espontâneo como os adolescentes se unem e os grupos que funcionam como elementos contentores das emoções e experiências emocionais entretanto vividas, desejadas ou temidas. No entanto, este tipo de grupo (o bando), pelo seu funcionamento em espelho não facilita os movimentos auto-correctivos, pelas vivências e dificuldades próximas entre os seus membros. Comum é os adolescentes escolherem os grupos pelos seus fins e terem grupos mais orientados para determinadas actividades (por exemplo: a pândega) e outros com um nível mais profundo e catártico onde fazem trocas afectivas mais intensas entre os membros e se permitem exprimir de modo mais verdadeiro e realista.

A cedência e procura do *grupo primário ou restrito*, por parte do adolescente, apresenta-se como um passo na reorganização mental do mesmo. Nestes grupos há um nível mais intenso de troca de afecto (proximidade ou rejeição), sem a

<sup>(3)</sup> O *bando*: O autor diz-nos que o bando se traduz pela semelhança... (Quando os indivíduos se reúnem voluntariamente, pelo prazer de estarem juntos, pela busca do semelhante...). Trata-se de procurar nos outros maneiras idênticas de pensar e de sentir, mesmo que o façam a um nível inconsciente. «De plus, la bande apporte à ses membres, que eu sont privés par ailleurs, la sécurité et le soutien affectifs, c'est-à-dire un substitut de l'amour» (*idem*, 19).

<sup>(4)</sup> *Grupo primário ou restrito*: implica um número restrito de membros, de tal modo que cada um tem uma percepção individualizada de cada um dos outros, bem como os outros dele. Os fins são comuns aos membros e o nível afectivo pode tornar-se intenso com criação de sub-grupos. Podem haver movimentos de grande solidariedade e de interdependência, desenvolvendo-se condutas de manutenção/conservação do grupo, no entender de ANZIEU & MARTIN (1976).

ameaça dos sentimentos desintegradores, provocados pela diferença.

Por outro lado, o grupo pode ser entendido como «um derivado histórico e antropológico da família alimentado pela natureza da autoridade parental e pelas situações de rivalidade que transformando a inveja em solidariedade, [facilitadores da] identificação» (PAIXÃO, 1991, 42).

Convém-nos explicitar as regras dos grupos e as suas relações com a liderança.

## Regras e Normas de Funcionamento

Os grupos colocam, a quem os estuda, uma questão fundamental: quem e como governa os grupos? BION (1987) estuda os grupos e as suas regras e propõe-nos como hipótese uma mentalidade do grupo que permite elucidar as suas tensões e o género de liderança por que se rege (BION, 1987, 37). Os indivíduos pertencentes ao grupo submetem-se a ele de forma anónima.

Por outro lado, postula o autor na mesma obra que existe uma cultura do grupo, quer dizer, aspectos do comportamento do grupo que resultam de um conflito entre a mentalidade do grupo e os desejos do indivíduo (*idem*, 37).

O autor propõe-nos então três tipos de cultura de grupo. Na cultura de grupo de dependência, «l'hipotese de base (...) consiste à croire qu'il existe un object externe dont la fonction est d'assurer la sécurité d'un organisme immature. Cela signifie qu'il existe une seule personne capable de satisfaire aux besoins à satisfaire» (*ibidem*, 47).

A cultura de grupo ataque-fuga encontra o seu líder em personalidades paranóides, alimentando este a ideia dum inimigo exterior a si que é preciso combater.

Por último, no grupo de acasalamento, o líder é alguém que ainda não nasceu, havendo uma tendência à cisão.

A gregaridade humana impede-o de subsistir fora dum grupo «même s'il n'est pas possible de le démontrer» (BION, 1987, 89). É «dans le groupe [que] l'individu découvre en lui des aptitudes que demeurent latentes aussi longtemps qu'il est relativement isolé» (*idem*, 58).

A intensidade com que os elementos dos grupos estabelecem relações entre si é chamada valência. Quanto maior ela for, mais intensa é a relação entre os membros. A valência é a função espontânea e inconsciente do aspecto gregário da personalidade humana ou, noutra linguagem, o vínculo relacional que se renova e actualiza, desde o grupo primário constituído pela díade mãe-filho. É, ainda, numa linguagem genética, a extensão e actualização da função continente-conteúdo.

## Os Grupos Homogêneos e Heterogêneos

Já vimos que o funcionamento mental tem a sua origem na díade primária mãe-filho. Aqui, o dentro e o fora do bebé não está ainda organizado. Tudo se resume ao seio-boca; só a sua ausência e a conseqüente transformação, pela função  $\alpha$  materna, da angústia de morte, noutra mais tolerável permitirá ao bebé organizar o seu aparelho protomental (BION, 1966) precursor dum aparelho de pensar os pensamentos (*idem*). Como sabemos que o primeiro organizador desse aparelho de pensar os pensamentos é a figura materna, torna-se fácil aceitar que todo o pensamento em forma de memória, desejo, fantasia e símbolo são ou estão no domínio grupal, isto é, na passagem da individualidade funcional à bidimensionalidade (mãe-filho), que dá acesso à tridimensionalidade cultural, trazida pelo pai, no entender de SANTOS (1988). Mais que topológica é, então, a tridimensionalidade necessária ao entendimento e aceitação do outro, a par da tolerância das ansiedades provocadas pela sua ausência. «O não-seio, permitindo o seio representado, inaugura as interfases dos contrários, do presente ao ausente, do bom ao mau, do gratificante ao frustrante, do grande ao pequeno (...) até ao maternal e ao paternal. Adivinha-se no jogo dos contrários a importância da dissociação/associação ou, por outras palavras, de confrontação construtiva do espaço da mente» (DIAS, 1988, 206). É nesta triangulação extensiva que a criança se desenvolve, organiza e alarga o grupo (interno e externo). O mesmo autor defende o grupo adolescente como um organizador da agorafobia do adolescente.

Deste modo, os grupos tornam-se o eu auxiliar do adolescente onde é já possível pensar-se a família. «Assim, na adolescência o grupo aparece como continente privilegiado das ansiedades arcaicas reactivadas pela destabilização dos objectos colocados em novos contextos e solicitando novos arranjos» (*ibidem*, 208).

No entanto, o grupo pode, como vimos atrás, assumir várias hipóteses de base de funcionamento. Quando este se oferece «como continente rígido, projecta ele mesmo para fora uma parte de si (*self* grupal) que não pode então ser tolerada. É o grupo idealizante, defensivo e arrogante» (*ibidem*, 208). Estes grupos funcionam pela hipótese de base ataque-fuga e definem-se como *grupos homogéneos* (como exemplo, temos os grupos de toxicómanos). Neles a «saúde imaginária (outros valores, outras referências) ou objectiva do grupo, nomeadamente através do contacto e da pertença a outros grupos, é absolutamente proibida, já que confirmaria o sentimento persecutório e de destruição de toda a realidade assim construída» (PAIXÃO, 1991, 184). Estes grupos formam-se pela semelhança dos seus elementos (tantas vezes lida nas histórias comuns de rejeição) e negam tudo o que é desconhecido e diferente. Desta maneira, a reparação das feridas narcísicas é quase inviabilizada porque «les modes de transformations projectives ou dans l'allucinosse predominant<sup>(5)</sup>» (KAËS, 1986, 99) impedem esse movimento. «On pourrait dire que ces transformations anti-transformationelles sont de puissants mécanismes de défense contre le changements catastrophiques» (*idem*, 92).

Por seu lado, o funcionamento do grupos heterogéneos «facilita as mobilidades identificatórias, diminui a idealização onipotente e recria mais consentaneamente a vida mental do jovem» (DIAS, 1988, 209).

A diferença entre estes dois grupos reside na tolerância e abertura à mudança catastrófica que provoca sucessivos processos de dispersão

<sup>(5)</sup> O autor diz-nos que este tipo de transformação com um fundo psicótico invalida um trabalho terapêutico, contrariamente às transformações de movimento rígido.

<sup>(6)</sup> «En la equiparación simbólica se considera que el substituto simbólico es el objecto original, no reconociendo ni admitiendo las propiedades que le son propias» (SEGAL, 1989, 86)

(SP)⇌(D) integração mental, num movimento em espiral cada vez mais rico e aberto ao simbolismo. Enquanto os grupos heterogéneos são facilitadores desta capacidade simbólica crescente, os grupos homogéneos fixam-se numa «equação simbólica»<sup>(6)</sup> (SEGAL, 1989, 86) enganosa e exclusiva do grupo, que repete interminavelmente a sua compulsão-repetição, que os afasta cada vez mais do mundo que os rodeia, perpetuando o ciclo marginal de onde só esperam hostilidades que confirmem a sua anterior leitura, mantendo, assim, a ideia do inimigo exterior ao grupo.

## O grupo como Eu Auxiliar do Adolescente

O grupo não se apresenta, contudo, repentino e mágico aos problemas adolescentes. Estes “ensaiam-no” desde a infância. No entanto, «se a primeira infância se caracteriza pelo predomínio do grupo familiar, (...) a latência aparece como alternância de grupo, de família e iguais, na adolescência é este último que se torna preponderante» (DIAS, 1988, 208). Há, então, todo um movimento centrífugo em relação à família de origem que se torna incapaz de responder aos anseios do adolescente. Assume-se deste modo, o grupo de iguais como continente transformador das suas angústias e desejos, funcionando como um verdadeiro ego auxiliar adolescente, isto é, «un appareil de transformation» (KAËS, 1986, 91) que, quando heterogéneo, se torna organizador dum tempo (interno e externo) em que urge a assunção de papéis identificatórios que permitam ao adolescente «o luto pelo grupo [e] a viabilidade do homem individual» (DIAS, 1988, 209) capaz de desempenhar papéis adultos. O grupo cumpre a tarefa de conter e transformar a distância em relação à família, capaz de proporcionar no fim da adolescência a aquisição duma «família interna, inteira e unida, onde antes existiam objectos ameaçadores, exigindo um preço do resgate pela raiva ou pelo desejo» (*idem*, 209).

Tornar-se adulto é ser capaz de estar só, sem nunca o estar. É estar numa relação capaz de imaginar e interagir com os objectos internos, agora aliados do eu.

## A psicoterapia de adolescentes

Estabelecida a ponte entre o processo adolescencial e o grupal, propomo-nos apresentar exemplos do apoio dado aos adolescentes. Fazemo-lo recorrendo a uma simbiose entre a reflexão e a acção.

### Dependência vs Rejeição

Quando os adolescentes procuram um espaço terapêutico, fazem-no com um medo/desejo que ultrapassa, na maioria dos casos, os limites do realismo. Da magia ao curador, tudo esperam, menos um espaço de transformação lenta e dolorosa da sua dificuldade em aceder ao pensamento emocionado.

Assim, tentativas de sedução, inibição ou outras “técnicas” de controle são testadas. A ambivalência desejo/medo pede um continente afável e permissivo, mas capaz de transformar, uma a uma, as resistências que o adolescente vai colocando com o fim de não pensar. O técnico é também um adulto, que se pode confundir com os pais ou “contrapor-se” a eles de modo idealizado.

Muitas vezes, damos com os adolescentes identificados massivamente a nós, numa dependência que tenta inviabilizar o espaço transferencial necessário à transformação, isto é, que impossibilita uma vinculação em  $K^+$  (conhecimento)<sup>17)</sup>, necessária a qualquer processo terapêutico. Por outro lado, aparecem adolescentes que estabelecem desde início uma vinculação  $L$  (de não-amor), rejeitando qualquer tentativa de vinculação terapêutica, embora venham regularmente à consulta; só a transformação para o plano verbal desta resistência povoada de grandes fantasias auto e hetero-agressivas organizará, pouco a pouco, estas duas posturas extremadas, que envolvem inúmeras nuances, apelam à nossa intuição e capacidade continente, capaz de estabelecer um elo vincutivo verdadeiro.

<sup>17)</sup> Bion fala-nos dos elos de ligação necessários à vinculação humana. Os elos essenciais são, no entender do autor, o amor ( $L$ ), o ódio ( $H$ ) e o conhecimento ( $K$ ). Estes têm ainda variantes positivas ou negativas, mas são no essencial o espelho de como as relações entre sujeitos se podem estabelecer e desenvolver.

*Certo dia, S., uma adolescente com 16 anos à época, faz um silêncio pesado e incomodativo durante mais de quarenta minutos, entrecortados, que lembravam uma forte dor. É-lhe referido esse sentir. Aceita-o em tom hesitante e diz que tem medo que a sua mãe a possa querer matar. Na altura, só se lhe reformulou o relato, mostrando-lhe que fora entendida e era aceite. S. voltou pontualmente, com mais silêncios, agora entremeados com mais palavras e dores a pedirem escuta. Estabeleceu um vínculo terapêutico pela dependência e lentamente foi capaz de tomar consciência da sua destrutividade auto-dirigida.*

Neste caso, S. desejava estabelecer um elo de ligação contentor, persistindo, no entanto, o temor duma retaliação do “terapeuta-mãe”.

### Concretude e Descoberta do Imaginário

Acima propomos um *holding* capaz de acolher, conter e devolver ao paciente depois de elaborado, o que ele projecta sobre o psicoterapeuta [e que] implica a capacidade deste em se escutar, em estar aberto ao que nele desperta espontaneamente e constantemente se muda, isto é, implica a sua própria criatividade e o reconhecimento do seu tempo interno “vector último da identificação” (DIAS, 1983, 68).

A timidez, o mutismo, a inibição, a agressividade e tantas outras manifestações são defesas que pretendem esconder a concretude e o não-entendimento do que se passa ao redor do jovem. São, num outro sentido, emoções que não conseguem um caminho para a expressão; só o corpo se permite falar delas. A transformação dessas emoções em experiência emocionais acessíveis à palavra é o trabalho último e essencial na psicoterapia.

Por outro lado, o linguajar sem sentido, o riso compulsivo, embora aparentemente opostos, não são senão elementos pertencentes ao mesmo *continuum*, isto é, expressões que procuram um afecto consonante que as ligue e dê origem a um sentimento unitário da vivência.

Quando tal ocorre, elaborámos a mudança catastrófica majorante; actualizámos o imaginário e

o simbólico como elementos de percepção e acção num mundo onde a emoção deu lugar à experiência emocional.

## A psicoterapia com grupos

As experiências terapêuticas com grupos despertam há muito o interesse dos especialistas das Ciências Humanas e da Saúde Mental. Um dos grandes impulsionadores foi Moreno, que desenvolveu um conjunto de técnicas que denominou de Psicodrama.

Definiu-o «como a ciência que explora a “verdade” por métodos dramáticos» (MORENO, 1978, 17). O termo dramatização provém do grego e significa acção ou coisa feita. Moreno propunha cinco instrumentos para o seu trabalho: o palco, o sujeito ou paciente, o director, o *staff* de assistentes terapêuticos ou *egos* auxiliares e o público.

Embora no início se opusesse teoricamente ao pensamento psicanalítico, Anzieu e outros psicanalistas fizeram a ponte entre estas duas teorias e técnicas terapêuticas. Para isso contribuiu a descentração da Psicanálise que passou a dar valor crescente ao inter-subjectivo e à sua representação.

Dessa ponte resulta este trabalho realizado com adolescentes. Os pressupostos foram que se o funcionamento do grupo como eu auxiliar adolescente contribui, ao nível espontâneo, para a resolução dos problemas do adolescente, é legítimo esperar que um grupo lúdico-terapêutico crie imensas expectativas, pois, cabe-lhe o papel contentor, protector e encorajante e é um lugar onde o adolescente se conhece e conhece os seus iguais. Nele descobre que não é o “senhor” das dificuldades, “aprende” a tolerar a dor e assume, por outro lado, o prazer do lúdico.

## O Corpo na Terapia com Adolescentes

É comum vermos o adolescente preocupado com o seu corpo. A roupa, o peso, o tamanho, tudo serve para ele se preocupar e desse modo evitar o pensamento, protelando assim uma aflição maior: a

(in)capacidade de se relacionar, fragmentando em partes a importância do ser que se não sente ainda unitário e alterna a fragilidade com a grandeza exagerada.

Esta idealização de si e do mundo pode diluir-se no grupo onde, com a dramatização, protagonista e público apelam à sua base emocional comum. Qualquer dramatização remete sempre para um espaço emocional grupal. «Le processus groupal, tel qu'il se manifeste dans la chaîne associative groupale, va dévoiler la fantasmagorie inconsciente de la seduction et ses corrélats traumatiques pour plusieurs membres du groupe. A travers la chaîne associative groupale va s'opérer la transformation de ce qui a pris valeur d'événement impensé pour plusieurs d'entre eux» (KAËS, 1986, 95).

O apelo feito à base emocional comum do grupo colabora para a criação dum espaço de elaboração da angústia e dos medos, pelo processo flutuante dispersivo (SP) <=> (D) integrativo da mente onde a dor mental se permite, bem como a tristeza, tantas vezes arredada em favor duma hipomania hilariante, que invalida os lutos necessários à elaboração duma mente menos persecutória e mais criativa.

A transformação pelo corpo (próprio e do outro) posta em cena no palco dramático é um referente para cada membro do grupo e, como vimos, elabora o *alter/ego* adolescente, tarefa majorante desse tempo (interno/externo) com a confiança dum continente não puroso que suporta e contém, seja a descoberta do parceiro ou uma fantasia (ou vivência) mais persecutória.

## Sexualidade: do(s) Mito(s) ao Espaço Relacional de Suporte e Transformação

A sexualidade tem, a par com a imagem corporal, um papel essencial. No entanto, esta temática, pela dificuldade que coloca aos comunicantes, é, também, terreno fértil para a criação de mitos que confundem e chegam a bloquear todo o processo adolescente.

O tema que mais frequentemente se esconde é a masturbação, quer feminina, quer masculina.

Alguns adolescentes vivenciam com grande culpabilidade a exploração do seu corpo, com fantasias punitivas e castradoras associadas a estas actividades.

A desdramatização, pela descoberta de que outros elementos do grupo, ou mesmo todos, o fazem, tranquiliza e permite ao adolescente investir mais na relação com os outros. Há, pois, adolescentes que, pela intensidade com que vivem a culpa masturbatória, se “negam” a tocar os outros, actualizando o ritual descrito por FREUD (1913); a masturbação, em casos extremos, pelos sentimentos e “conteúdos” pecaminosos, torna-se um contacto com o animal totémico, remetendo o culpado à negação relacional, tornando-o um prisioneiro de si próprio e das suas fantasias culpabilizantes. A culpabilidade está presente, em maior ou menor grau, e deve ser desdramatizada e contida no grupo.

Por outro lado, os primeiros contactos amorosos, embora muito idealizados, assumem contornos de medo/desejo que podem ser trabalhados no grupo, quer pela palavra, quer pela dramatização. A troca de experiências “normaliza” e humaniza as vivências do adolescente; esta dialéctica corpo-outro organiza progressivamente um continente interno no qual predominem bons objectos internos capazes de facilitar a saída do grupo e o regresso ao interior do próprio. Assim, «viver só é não estar mais só» (DIAS, 1988, 209), mas sim, numa relação com os grupos internos que contém uma experiência emocional onde a tolerância abre mão da mudança catastrófica necessária à constante aprendizagem.

### Identificações / Desidentificações

Neste processo grupal decorrem movimentos de proximidade e afastamento entre os elementos. São possíveis todos os movimentos, desde a liderança ao bode expiatório (que assume ser um depositário dos outros elementos). Estes movimentos necessitam de ser transformados e mediados pela palavra, tolerando sempre a flutuação e o empenhamento que o adolescente possa mostrar no momento. O processo de desmistificação verbal possibilita uma elaboração do projecto identitário que se deseja clarificado. Uma vez criada a

mentalidade grupal, no sentido Bioniano, emerge um clima de flexibilidade onde a palavra se torna uma pré-concepção (BION, 1966) à procura de um *Kairos* para ancorar.

A pretensão destes grupos de transformação, entre o lúdico e o terapêutico é, em resumo, dar lugar ao simbólico onde o corpo possa ser reactualizado como corpo imaginário, onde o factual assuma contornos de ficção.

Dar corpo à palavra não é senão organizar em cada adolescente um objecto intermediário onde as situações se não consumam como factos intransponíveis, mas sim, como ficções ou leituras dum real que pode, desta maneira, ser uma experiência emocional.

Apresentamos agora duas sessões com um grupo em acompanhamento. A primeira situação decorre dum jogo-diagnóstico. Nele a L. assumiu o papel por ela desempenhado no quotidiano. Vejamos o resumo da sessão:

*Na sessão trabalhámos um aspecto que se pressentia envolver emoções bastante violentas na L. Esta jovem alternava uma voz melodiosa com uma voz de criança assustada. Depois de fazermos o contraponto da sessão anterior (viagem no paquete às Maurícias) na qual L. se isolou dos colegas, participando pouco “na viagem”, L. falou-nos do seu sentimento frequente de rejeição por parte dos grupos.*

*Envolvemos a L. num pano grande e pedimos ao grupo que um a um se dirigisse a ela como sentisse melhor. Foi uma sessão com grande intensidade emocional.*

*O grupo, como se pressentia, fez um suporte excelente à L. e o seu comentário à sessão revelou uma fantasia de rejeição parental, isto é, uma fantasia marcada pelo sentimento dos pais não gostarem dela.*

*A voz melodiosa voltou a ouvir-se numa L. mais aceite e mais querida pelo grupo. A função continente deste originou a catarse e a possibilidade de uma crescente integração.*

Fica claro que esta jovem estava indecisa no seu papel. Flutuava entre permanecer criança assustada

ou assumir uma autonomia antevista como ameaçadora. A consciencialização desta clivagem e o suporte grupal serviram para L., respectivamente, como função grupal e continente tolerante capaz de originar uma experiência emocional transformativa das *imagos* parentais. Esta só é possível pela função continente do grupo, dando a confiança necessária a L. para, em sessões posteriores, falar mais dos seus medos e desconfianças. No segundo exemplo, trata-se de um pesadelo:

*Nesta sessão, após o resumo da sessão anterior, começámos um aquecimento inespecífico em redor do tema surgido no grupo, no meio da risota, do namoro. Aqui aproveitámos a sessão para trabalhar um assunto que a M. (adolescente vinda de Lisboa) já tinha afluído - a morte por overdose de um namorado que tivera em Lisboa. Por ser difícil, perguntei-lhe se costumava sonhar, respondendo-me que só tinha pesadelos. Conta-nos um:*

*Estava a M. com um bebé, seu filho, e, de repente, aparecia-lhe um homem, com movimentos loucos e descoordenados que lhe queria matar o filho. Este (o filho) tinha um gorro e estava todo ensanguentado na cabeça. O sonho acaba com o bebé deitado pela janela.*

M., uma adolescente de quinze anos, clivava estas duas realidades contraditórias de si, ora frágil e bebé, ora adulta louca e violenta. A interpretação remeteu para estas duas faces separadas de si a pedirem harmonização. O trabalho interpretativo é aqui bem mais lento, embora se trate também duma clivagem, onde a ferida narcísica é bastante profunda. Importa transformar os pesadelos em sonhos onde o bebé possa ser contido. O grupo assume, neste caso, a função contentora securizante deste bebé ensanguentado, “tratando-lhe” a ferida sem descurar o lado feroz e louco que o ameaça. Trata-se então de ouvir o louco e libertar o bebé, de modo a que eles se encontrem numa adolescência onde a experiência emocional assuma o lugar da emoção sufocante.

## Conclusões

O trabalho com adolescentes remete-nos ao nosso reduto adolescente. Reaprendemos a linguagem emocional, tornamos ao corpo, aos «papéis fisiológicos» (MORENO, 1978, 25), para aí podermos introduzir a palavra (pensamento emocionado) que vagueia na certeza incerta da compulsão. Só a actualização da emoção é capaz de estabelecer a interacção entre o sujeito e o mundo, pelo prazer da conquista e pela aceitação da falha como um outro elemento, barómetro do nosso realismo/idealização no contacto com os outros e com a nossa realidade interna.

Interessa perceber o dinamismo da mudança, onde a flexibilidade do espaço/tempo (interno e externo) por um lado, e a atenção às compulsões/repetições do pensamento, ataque supremo aos elos de ligação, facilitarão, passo a passo, a escolha de si próprio ao adolescente.

Os escolhos que encontramos mostram como a «célula solitária, a inveja, jaz à espera de tornar-se maligna» (BION, 1975, 14). Contraponto necessário é a «visão binocular» (*idem*, 30) com a qual o adolescente experimente ser ora continente, ora conteúdo, num estreitamento da vinculação.

Importa finalmente realçar que para cada um de nós o «meu tempo último é a mente. A mente que é um fardo pesado demais, que a besta dos sentidos não consegue carregar» (*ibidem*, 46).

## Bibliografia

- ABERASTURY, A. KNOBEL, M. – *Adolescência Normal*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.
- ANZIEU, D.; MARTIN, J. – *La Dynamique des Groupes Restreints*. Paris: PUF, 1976.
- BION, W. – *O Aprender com a Experiência*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1966
- BION, W. – *Uma Memória de Futuro, O Sonho*. S. Paulo: Martins Fontes, 1976.
- BION, W. – *Transfomation. Passage de l'Apprentissage à la Croissance*. Paris: PUF, 1982.

- BION, W. – *Recherches Sur les Petits Groupes*. Paris: PUF, 1987.
- BION, W. – *A Atenção e Interpretação, o Acesso Científico à Intuição em Psicanálise e Grupos*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1991.
- CLAES, M. – *Os Problemas da Adolescência*. Lisboa: Editorial Verbo, 1990.
- CORDEIRO, J. – *Os Adolescentes por Dentro*. Lisboa: Edições Salamandra, 1988.
- DIAS, A. – *Aventuras de Ali Babá nos Túmulos de Hur: Ensaio Psicanalítico Sobre a Psicose*. Lisboa: Fenda, 1992.
- DIAS, A. – *Espaço e Relação Terapêutica*. Coimbra: Coimbra Editora Lda, 1983.
- DIAS, A. – *Para uma Psicanálise da Relação*. Porto: Edições Afrontamento, 1988.
- DIAS, A.; VICENTE, T. N. – *A Depressão no Adolescente*. Porto, Edições Afrontamento, 1984.
- DREYFUS, C. – *Psicoterapias de Grupo*. Lisboa: Verbo, 1980.
- ERIKSON, E. – *Adolescence et Crise la Quête de l'Identité*. Paris, Flammarion, 1972.
- FREUD, S. – Totem e Tabú (1913). *E.S.B.*, Vol XIII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1974a.
- FREUD, S. – O Ego e o Id (1923). *E.S.B.*, Vol XIX. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1974b.
- KAËS, R. – Le Groupe Comme Appareil à Transformation. *Revue de Psychothérapie Psychanalytique de Groupe*, 5-6, 1986. pp.91-100
- KLEIN, M. – O Desenvolvimento de um Criança (1921). In KLEIN, M. – *Contribuições à Psicanálise*. S. Paulo: Mestre Jou, s.d.
- KLEIN, M. – A Importância da Formação dos Símbolos no Desenvolvimento do Ego (1930). In KLEIN, M. – *Contribuições à Psicanálise*. S. Paulo: Mestre Jou, s.d.
- MORENO, J. – *Psicodrama*. S. Paulo: Editora Cultrix, 1978.
- PAIXÃO, R. – *Conceito de Homogeneidade e Heterogeneidade nos Grupos de Iguais Adolescentes*. Coimbra, Tese de Doutoramento à F.P.C.E.U.C, 1991.
- SANTOS, J. – *A Casa da Praia, o Psicanalista na Escola*. Lisboa: Livros Horizonte, 1988.
- SEGAL, H. – *La Obra de Hanna Segal, un Enfoque Kleiniano de la Práctica Clínica*. Buenos Aires: Paidós, 1989.
- WINNICOTT, D. – *A Imaturidade do Adolescente, Tudo Começa em Casa*. S. Paulo: Editora Martins Fontes, 1989.